



## ELEIÇÕES

# Um mês para agarrar a candidatura única

Doria tem até 18 de maio para provar que é um concorrente viável ao pleito de outubro. Nesse dia, as cúpulas de PSDB, União Brasil, MDB e Cidadania devem anunciar a chapa que tentará quebrar a polarização Lula-Bolsonaro na corrida pelo Planalto

» VINICIUS DORIA

O pré-candidato tucano à Presidência da República, João Doria, começa a semana com novo coordenador de campanha e correndo contra o calendário. O ex-governador de São Paulo tem exatamente um mês para mostrar que é viável eleitoralmente e virar o jogo a seu favor. Em 18 de maio, dirigentes de PSDB, União Brasil, MDB e Cidadania devem anunciar os nomes que formarão a chapa única do bloco para a sucessão do presidente Jair Bolsonaro (PL). Até lá, Doria enfrentará as disputas internas do PSDB e tentará colecionar apoios dos diretórios estaduais para se consolidar como o nome do partido a encabeçar a chapa do auto-proclamado centro democrático.

Já sob o comando do presidente do PSDB em São Paulo, Marco Vinholi, a pré-campanha de Doria será reorganizada para ampliar apoios nos estados, melhorar a posição do candidato nas pesquisas e, consequentemente, ganhar musculatura para enfrentar a ala do partido que prefere apostar em uma composição com o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite. A divisão dentro do ninho tucano ficou clara com a saída do presidente nacional da legenda, Bruno Araújo (SP), da coordenação da campanha, por decisão de Doria, anunciada em plena Sexta-feira da Paixão.

“O que está em jogo é o controle do partido”, avaliou o doutor em ciência política Leandro Gabiati, da Dominiun Consultoria. Para ele, Doria surgirá “naturalmente como a nova liderança da legenda” se conseguir mostrar viabilidade de sua candidatura. Gabiati lembrou que o PSDB sempre teve dificuldade de se unir em torno de nomes para a Palácio do Planalto desde o fim dos oito anos de governo de Fernando Henrique Cardoso. Cita como exemplo os pleitos de 2002 e 2010, quando o atual senador José Serra (SP) enfrentou Lula e Dilma Rousseff, respectivamente, e em 2006, quando Geraldo Alckmin não impediu a reeleição de Lula. “Em 2018, com Alckmin,

Governo SP



Alvo de disputas internas no PSDB, Doria buscará apoios dos diretórios estaduais para tentar encabeçar a chapa do centro democrático



**Se Doria concordou (com a chapa única) e essa é a regra, o acordo é para ser cumprido”**

**Izalci Lucas (PSDB-DF), senador**



**Doria tem problemas sérios que ele não está sabendo resolver, ou, talvez, nem tenham solução. Doria entrou em um beco sem saída”**

**Leandro Gabiati, cientista político**

novamente o PSDB chegou dividido e sem compromisso com a candidatura presidencial. O único que conseguiu unir o partido foi Aécio Neves (MG), em 2014, diante do desgaste do PT e da perspectiva de vitória sobre Dilma.”

Ao **Correio**, o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) disse que Doria tem condição de reverter a rejeição ao seu nome e se posicionar como candidato do partido. Mas lembra que o ex-governador paulista aceitou o acordo fechado pelo PSDB com MDB, União Brasil e Cidadania no sentido de formar um consórcio partidário de centro para disputar a eleição de forma unificada. “Se ele (Doria) concordou e essa é a regra, o acordo é para ser cumprido”, ponderou Izalci, que minimizou a crise deflagrada com a “demissão” de Bruno Araújo do comando da pré-campanha. “Não é grave. Esse ruído logo, logo, passa. O PSDB tem muita importância no cenário político e qualquer fato como esse toma conta da mídia. Campanha tem disso, do momento, mas vamos superar.”

A senadora Simone Tebet (MS), pré-candidata do MDB à Presidência assegurou — em entrevista exclusiva ao **Correio**, publicada na edição de ontem — que não está conversando com Eduardo Leite a formação de uma chapa sem o ex-governador de São Paulo, apesar de ser essa a alternativa que conta com mais simpatia entre boa parte dos dirigentes do possível consórcio partidário. “O PSDB fez uma escolha. Certa ou errada, eu não saberia responder. Isso é uma decisão interna do partido, que passou por prévias, um instrumento dos mais democráticos e mais importantes para fortalecer a democracia”, enfatizou Tebet. “O vencedor foi João Doria. Até que se prove o contrário, até que o ex-governador se pronuncie de forma contrária, ou que o próprio PSDB junto com o ex-governador chegue a outro denominador comum, não podemos nos pronunciar sobre decisões de outros partidos.” O outro postulante à vaga de candidato único

do consórcio de centro é o presidente do União Brasil, deputado Luciano Bivar (PE).

### BolsoDoria

Enfrentar oposição dentro do próprio partido não é novidade na carreira política de Doria. Em 2016, com apoio do então governador do estado, Geraldo Alckmin, ele se lançou candidato à Prefeitura de São Paulo depois de vencer a prévia convocada pela legenda contra o então vereador Andrea Matarazo, preferido da ala tucana ligada ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso; e o deputado federal Ricardo Tripoli, apoiado por Bruno Covas, então deputado federal, e José Aníbal, que presidia o Instituto Teotônio Vilela. Na eleição, Doria bateu no primeiro turno o candidato do PT, Fernando Haddad, que tentava a recondução.

Dois anos depois, o então prefeito abriu nova frente de debate com o partido ao decidir deixar o cargo e lançar-se candidato à sucessão de Alckmin, que viria a ser

o nome do PSDB à Presidência da República naquele ano. Doria mostrou força: conquistou o apoio da sigla, venceu as prévias internas com 80% de apoio e acabou eleito governador no segundo turno, ao bater o então candidato do PSB, Márcio França, por diferença apertada: 51,75% a 48,25%, uma diferença de pouco mais de 740 mil votos. Mas, na campanha, praticamente abandonou Alckmin na disputa presidencial e, logo após o primeiro turno, declarou apoio a Bolsonaro, quando foi cunhado o termo “BolsoDoria”.

O futuro de Doria passa por duas datas importantes nos próximos meses, uma delas, imposta pela legislação eleitoral. Primeiro, terá de vencer, até 18 de maio, a resistência interna para não ser excluído da chapa única dos partidos de centro não bolsonaristas. Se não conseguir, restará ao pré-candidato aceitar a decisão da cúpula partidária ou forçar a situação e levar seu nome à Convenção Nacional do PSDB, que deverá ocorrer entre o fim de julho e o início de agosto, no calendário da Justiça Eleitoral. Como vencedor das prévias da legenda, Doria poderá, inclusive, judicializar a questão, caso seja excluído da disputa de 18 de maio.

A possibilidade de judicialização já foi levantada por interlocutores do pré-candidato tucano. O tesoureiro do PSDB, Cesar Gontijo, declarou, no início do mês, que “prévia não indica, elege”. “E, uma vez eleito, o pré-candidato está referendado pelo partido com o voto da maioria da militância.”

“Temos de ver como Doria chegará à convenção do PSDB, em julho, em relação às pesquisas. Parece muito difícil que ele consiga reverter essa situação, mas, em política, tudo é possível. A verdade é que Doria tem problemas sérios que ele não está sabendo resolver, ou, talvez, nem tenham solução”, destacou Gabiati. “Doria entrou em um beco sem saída. Parte do partido não quer porque ele não avançou nas pesquisas. Doria pensou que a questão das vacinas (contra covid-19) lhe daria projeção nacional, uma imagem positiva, mas isso acabou não acontecendo.”

## Traições e boicotes são marcas da disputa na terceira via

Além do ex-governador paulista João Doria (PSDB), pelo menos outros dois presidenciais tentam se desvincular de traições e boicotes em série e deslanchar nas pesquisas de intenção de voto. A senadora Simone Tebet (MDB) e o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil) sofrem o que parece ser uma antecipação da “cristianização”, o abandono por parte de correligionários do candidato oficial de seu partido diante da estagnação. O processo começou a ocorrer no nascedouro dessas candidaturas alternativas, fomentado por grupos dissidentes ciosos da própria sobrevivência eleitoral, a quatro meses da campanha oficial.

Entre o fim de março e o início de abril, prazo final previsto em lei para filiação e desincompatibilização, Moro e Doria flertaram com a desistência de suas pré-candidaturas. O tucano voltou atrás, mas o ex-ministro da Justiça, que trocou o Podemos pelo União Brasil, perdeu o status de pré-candidato e não tem mais a garantia de

legenda para disputar o cargo.

Ele era almejado por uma ala minoritária do União Brasil, egressa do PSL, e foi barrado por nomes influentes vindos do DEM. Agora, o deputado Luciano Bivar (PE), presidente do União, passou a ser apresentado como pré-candidato.

O ex-juiz insiste em dizer que “não desistiu de nada”, mas reconhece em reservado que alas de seu atual partido e do anterior trabalham por uma aliança com o Planalto. Ele descartou ser postulante a deputado federal. A interlocutores, reclamou da falta de estrutura que recebeu enquanto pôde se apresentar como pré-candidato do Podemos e que tem a sensação de que “não interessa a ninguém uma terceira via para valer”. Há mágoas dos dois lados, e ex-entusiastas do Podemos afirmam que Moro decidiu tudo sozinho.

Os partidos União Brasil, PSDB, MDB e Cidadania querem apresentar uma chapa conjunta

Jefferson Rudy/Agência Senado



A senadora Simone Tebet também sofre com abandono por parte de correligionários

até 18 de maio, mas sofrem com rachas internos que podem esfriar o endosso e o apoio real a um candidato do centro.

A senadora Simone Tebet, por sua vez, sofre constrangimentos públicos de uma ala influente no MDB, que prefere

apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em vez de lançar uma candidatura própria. O grupo é liderado por cardeais da

sigla no Senado, tendo ex-presidentes do Congresso na lista, como Renan Calheiros (AL), Eunício Oliveira (CE), José Sarney (MA) e Garibaldi Alves (RN). Todos se reuniram, na semana passada, com o pré-candidato petista, a maioria em um simbólico jantar oferecido a Lula.

O tom do discurso deles é o mesmo: questionam a competitividade da pré-candidata do MDB, que tem apoio do comando do partido, e ponderam que ela pode repetir o fracasso de Henrique Meirelles em 2018 — o ex-ministro da Fazenda amargou um sétimo lugar, o que, na análise dos senadores, teria colaborado para a redução das bancadas no Congresso.

Tebet reagiu dizendo que a divergência é normal e focou em divulgar uma série de apoios internos dos diretórios regionais do MDB e núcleos setoriais do partido.

**Leia mais sobre eleições na página 4**